

ALFONSO DE ALBUQUERQUE

Em todas as livrarias e na rua do
Príncipe, 23. 1. andar.

AVULSO 80 REIS

Publicado em Lisboa, na Typographia da
Universidade, em 1854.

Deposito legal em 1854.

DE ALBUQUERQUE

PRIMEIRA

REVISTA MENSUAL
DE HISTORIA
E GEOGRAPHIA

UNIVERSAL MAGAZINE POR CULVAZ



Festa da inauguração

A BENÇÃO DA LOCOMOTIVA

A obra está completa. A machina flameja,
Desenrolando o fumo em ondas pelo ar.
Mas antes de partir mandem chamar a Igreja
Que é preciso que um bispo a venha baptisar.

Como ella é com certeza o fructo de Cain,
A filha da razão, da independencia humana,
Botem-lhe na fornalha uns trechos em latim,
E convertam-na á fé Catholica Romana.

Devem n'ella existir diabolicos peccados,
Porque é feita de cobre e ferro; e estes metaes
Saem da natureza, impios, excommungados,
Como sahimos nós dos ventres maternas!

Vamos, esconjurai-lhe o demo que ella encerra,
Extrahi a heresia ao aço lampejante!
Ella acaba de vir das forjas d'Inglaterra,
E hade ser com certeza um pouco protestante.

Para que o monstro corra em fervido galope,
Como um sonho febril, n'um doido turbilhão,
Além do machinista é necessario o hyssope,
E muita theologia... além d'algum carvão.

Atirem-lhe uma hostia á boca famulenta,
Preguem-lhe alguns sermões, ensinem-na a resar,
E lancem na caldeira um jorro d'agua benta,
Que com agua do céu talvez não possa andar.

GUERRA JUNQUEIRO.



Aos futuros biographos dos comboios portuguezes offercemos as seguintes notas que constituem uma pagina intima da vida d'um *expresso*.

Os sagrados penhores das nossas instituições mardrugaram n'um dos ultimos dias, e resolveram ir em viagem festiva até ao Porto.

Às sete horas da manhã batem á porta da estação do Caes d'os Soldados os sagrados penhores, e perguntam pelo *expresso*. O *expresso* que se levante, queremos partir.

Reaes senhores: O *expresso* já ali vem: está a acabar de fazer a barba e vae almoçar. Um quasi nada de demora: entretanto cantemos a ballada de M.^{me} Angot.

Então o *expresso*?

Está prompto o *expresso*, aqui está elle: barbeado, de camisa lavada, mala a tiracollo. Então sempre é cousa resolvida a viagem? Não ha duvida, partamos. Não se diga que um *expresso* portuguez reacia affrontar os frios da manhã. Ávante e que o archanjo Gabriel nos acompanhe — no fourgon.

O *expresso melancolico*:

Como é linda a primavera! rescende o sr. Eduardo Vidal na fragancia dos silvedos. Colhamos uma rosa. Não se diga que uma locomotiva portugueza é insensivel aos encantos da natureza.

E o fumo da locomotiva ergue-se em espiraes até ao throno do Altissimo. Um esforço mais e com o auxilio do Senhor antes que o sol mergulhe no occaso transporemos na vertigem da carreira — o Poço do Bispo!

E o *expresso* ia avançando: os sagrados penhores dormiam.

Repousemos um instante á sombra do salgueiral! Como é bello contemplar o patrio, o cristallino Têjo.

A caminho! a caminho! além te aguardam.

Azambuja, Sant'Anna.

Até que emfim! murmura com abatimento o *expresso*, toca a beber um golo do Cartaxo. A vida é breve; coroemos a frente de rosas, erguendo a taça do phalerno.

A caminho! a caminho! Abre a aza febril, ó nobre locomotiva portugueza e córta o espaço! Tempestade atravessa os mundos!

Alverca, Povoá.

Senhores, isto é de mais. O sol encandescente abrasa a face da montanha, e vós a arremeçar-me carvão, carvão, só carvão! Dae-me revalesciere ou então o vosso esquecimento. — Preciso aparar um calo.

Leal locomotiva: recorda-te que a patria dos Albuquerque e dos Barros é tambem a tua!

E o *expresso* cheio de melancolia e tristeza, ia avançando, avançando, avançando!

*
Villa Franca, Santarem, Entroncamento.

*
A sésta, meus amigos, a sésta! Durmamos um pouco. Oh! como é bello, á hora do meio-dia repousar n'um leito de verdura, á sombra dos arvo-redos, escutando o murmúrio do regato crystallino.

*
Veneranda locomotiva portugueza: lembra-te de que és-*expresso* e de que a Invicta nos aguarda. Se te compraz avancemos: serão recompensados os teus nobres estimulos.

*
E o *expresso*, o triste, o melancolico ia avançando, avançando, avançando.

*
Formozelha, Coimbra!

*
Eis-nos enfim chegados. Cinjamos n'um doce amplexo a briosa mocidade academica. Viva a nobre academia, viva o sr. Olympio, viva a sr.^a D. Amelia Janny! Uma carruagem, cocheiro, uma carruagem. — Hotel do Mondego.

*
Briosa locomotiva nacional, nós, o poder executivo, pedimos-te que avances, em nome dos interesses nacionaes. Não queiras lançar um labeu sobre a actividade publica. Aqui tens, escolhe. Uma arrufada — ou o nosso odio.

*
E o *expresso*, o leal, o patriotico, ia avançando, avançando, avançando.

*
Mealhada, Aveiro.

*
Até que enfim cheguei! Meus nobres amigos, honrados pescadores! Um abraço, um aperto de mãos: consenti que vos estreite no meu seio. Fallemos do mexillão.

*
Honesto locomotiva, exclama o ministerio apeando-se, parte em nome da patria! exoramos-te a que partas!

*
Nunca, senhores, nunca!

*
Pois bem, soffrerás a nossa indignação juntamente com algumas cocegas, e que o sr. arceediago Pires de Lima te excomungue (*exorcismo e cocegas.*)

*
(*O Campeão das Provincias e o sr. Pires de Lima, com disfarce em altos brados*) Viva o nobre duque de Loulé!

*
Oh, isso nunca! A triste, a melancolica locomotiva portugueza está com o partido regenerador! Regeita pois os vossos vivas. Que elles expirem sem ecco nas infinitas solidões! (*Parte commovida.*)

*
Viva o ministerio! bradam ás janellas da carruagem os srs. ministros.

*
Ovar, Esmoriz.

*
Meus amigos. Até que enfim! Não posso mais. Se exigem a minha cabeça cortem-ma, aqui a teem, mas deixe-me adormecer, cantando ao som da viola!

Eu abafo, eu morro, eu estallo
Tenho somno, estou caçada,
Cheia de fome e poeira.
Tenho sede, doe-me um callo
Ah, salte uma limonada
Espergueira!

Cae-me o suor pelas costas,
Preciso mudar de meias
Doe-me a cabeça do sol!
Tu gostas d'isto, oh, se gostas!
Aqui estou, abre-me as veias
Queriol!

*
(*O ministerio indignado*) Infame locomotiva nacional: não caminhas? pois bem. (*Dá-lhe com um pau.*)

*
E ella, a melancolica, a triste lá vae attribulada, suando, encostada ao guarda chuva, quasi sem botas, silvando de indignação.

*
Valladares, Gaia.

*
Nobre presidente do poder executivo; eu, a tua filha predilecta, aqui o declaro á face do ceu e da terra: não mais! Caminhe por seu pé quem quizer. (*Deita-se no chão.*)

*
(*O Genio nacional com ar solenne*) maldita sejas tu ó filha ingrata. Fica com a tua ignominia, e o teu remorso. Nunca a nobre raça lusitana exigiria de ti o jacobinismo do transpor 80 kilometros n'uma hora: escuta porém a nossa palavra derradeira. Se Nicolau Tolentino possuísse um *expresso* portuguez, pegava n'elle, fazia-lhe um soneto e atirava-o á margem.

TELEGRAMMAS DO NOSSO CORRESPONDENTE ESPECIAL NO PORTO

15, ás 9 h. 35 m. da n.



Chegamos assim.



9 h. e 56 m.



O povo.... ás pinhas!!!



10 h. e 15 m.

Hospedarias...

assim.



Clegada a Braga.

Habitantes convencidos de que as locomotivas foram inventadas pelos judeus do Bom Jesus do Monte.

16, á 1 da n.

Vinhos: admiravelmente bons, como muito bem disse em telegramma o sr. Teixeira de Vasconcellos, redactor do *Jornal da Noite*.



17, 12 h. 3 m. m.

A imprensa muito bem recebida e coberta de atenções pelo governo, pela camara municipal em particular, e pelas botas em geral.



17, 2 h. 10 m. n.

Bailes delirantes; grande quadrilha do poder executivo.



Indignação do cabido.

CHRONICA DAS RUAS, por Manuel de Macedo



—TEM TROCO D'UM VINTEM?



Já o esperavamos.

A *Nação* irritou-se.

Fez mal, ou antes, fez bem.

Olha, *Nação*, senta-te aqui ao pé de nós: não fujas que ninguém te faz mal: tira a mantilha, mette o roziário no bolso, descalça os mitenes de retroz e escuta, pobre velha.

Tu chamaste-nos barbaros, grosseiros, communistas: collaste ao nosso obscuro nome todos os adjectivos feios da tua velha rhetorica miguelista, e por que, santo Deos? Por que pregámos n'uma

cruz — com o lapis — o sr. Serpa, ministro da fazenda!

Ó tristissima *Nação*, tu queres para ti e para o teu Christo o monopolio da cruz? Mas a cruz como instrumento de supplicio é velha, muito mais velha do que elle! Antes do grande Martyr ser suppliciado, já, de egual maneira, o tinham sido muitos delinquentes; e tu, *Nação*, condemnando-nos, condemnas a tua propria Igreja que na cruz — a impia! — suppliciou alguns hereticos. Ignoras, talvez isso. Pois fica-o sabendo.

E demais, *Nação*, se Christo expirando na cruz nos impediu de usar da cruz como instrumento de supplicio, S. Lourenço morrendo sobre a grêlha, obrigar-nos-hia a uma identica prova de respeito;

e todavia — ó impíos — ainda ha quem tenha o cynismo de torturar no mesmo instrumento, que foi o supplicio e a gloria d'um santo, o que? meu Deos! — um beef!

Olha, *Nação*, o teu Christo, porque é um pouco rabujento e feroz, póde ser que se amofine conosco por lhe usurparmos momentaneamente o que elle e tu suppõem ser a *vossa cruz de redempção*: sim, eu conheço-o! elle é o leitor mais assiduo do *Universo* de Luiz Veiullot, faz parte da deputação carlista da Navarra e é quem subseve sempre com maior verba para as campanhas travadas contra a razão e contra a luz; ha entretanto um outro Christo, o simples Galileu, bondoso, sereno, justo, com um suavissimo sorriso de paz nos labios e um immenso resplendor de luz na frente; esse, *Nação*, nada tem de commum contigo, nem com os supplicios infligidos á politica do sr. Antonio de Serpa. Podes crê-lo.

Agora, temos a pedir-te um obsequio. Continua a dedicar-nos os teus artigos de fundo, porque, elles são para nós — a melhor das *reclames*. Devemos-lhe mais d'uma assignatura.



CARICATURAS EM PROSA

Segundo telegrammas enviados do Porto ao *Diario de Noticias*, na mesa do banquete offerecido á realesa, figuravam, como ornato, oito pavões. Uma pergunta innocentissima: estaria entre elles o sr. marquez de Avila?



Ó Coelho a tal coelheira
Do *diario* quanto dá?
Dá-te bastante cansaera,
Muita gloria, muita asneira?
Diz-me cá!

Quanto colhes do annuncio
— Abrenuncio! —

E da venda pelas ruas,
Cada mez?
Quanto colhes, diz-me em summa:
Dou-te uma,
Dou-te duas,
Dou te tres.

Esse negocio das folhas
É uma mina do Perú!
Oh Coelho não te encolhas!
Quanto é que colhes tu?



Telegramma transmittido pelo cabo submarino:
Fundo do Mar 16 ás 3 h. 17 m. da m.

«Estou contentissimo com a faca de mato. Tridente muito velho. Faca magnifica para o effeito. Hontem sahi com ella. Tritões, sereias, nereidas, toda a côrte contentissima. Agradecimentos a Zacharias.

Neptuno.»



Deixou de ser nosso assignante o sr. padre Francisco Maria Cochixo, de Borba, Alentejo. Sentimos profundamente que este facto se tenha dado, por nós, pelo sr. padre Francisco — e pelos coxichos.

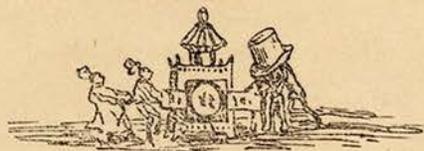


Quando Morpheu, casualmente,
Deixa o bom somno immortal,
Pega logo de repente
Nas poesias de Vidal.



Gil Vaz apparecendo na primeira caricatura da *Lanterna Magica* cobriu a cara com o chapéu, na persuasão de que para definir as suas ideias era muito dispensavel dar o seu retrato.

Como porém este proceder póde não ter agradado geralmente, apressa-se a declarar, que além da rasão exposta, as unicas que influiram no seu espirito foram as seguintes: ser modesto — e feio.



Um facto de que toda a imprensa se tem occupado, e a que nós juntaremos ainda alguns esclarecimentos, conforme nos foram referidos:

Um cidadão (assim lhe chamou o jornalismo grave) passava pela rua lendo o *Diario de Noticias*, e parando de quando em quando contemplativo diante das vitrines. O sr. commissario de policia achou um tanto extraordinario que um cidadão procedesse d'um modo tão audacioso e começou a meditar. É chamado o sr. May Figueira. O sr. May é um medico e além d'isso um sabio. O facto referido, ainda quando não se desse outro, era realmente bastante para fazer duvidar da completa lucidez da pessoa que o praticava. Cair em extasi diante das vitrines, ler a proza do sr. Eduardo Coelho!... Um collete de forças, depressa, um collete de forças!

O cidadão queixa-se, reclama, protesta, quer dar provas da inteireza do seu juizo, recitando as *Flores d'alma que se alteiam bellas* do sr. Thomaz Ribeiro, mas a policia pisca o olho ao sr. May e o sr. May faz um meneio de cabeça significativo. O cidadão braceja, faz acenos, reclama, mas a autoridade constituída lança-lhe o braço vigoroso, cinge-o pela cintura, empolga-o, enrosca-se-lhe, em quanto elle protesta ainda, declamando sem falta d'uma virgula, o *Ultimo harpejo d'alma* do sr. Florencio — o que corrobora a opinião do agente da autoridade!

Em tão triste conjunctura, o supposto enfermo, resignado e cheio de prudencia, procura explicar, da forma a mais pacifica, que é erroneo o juizo que a sciencia e a policia formam d'elle. Chama serenamente os que o rodeiam, pede papel, e a fim de dar um testemunho irrecusavel e eloquente do perfeito estado das suas faculdades escreve $3+3=x$ propondo-se resolver tão grave problema. A sciencia presente põe os olhos, a policia abre os olhos e o cidadão dá a seguinte solução: tres vezes tres, nove, noves fóra — nada. Todos os circumstantes sorriem com ar desdenhoso e sceptico. Pegam no papel, miram-n'o do avesso, pela transparencia, alisam-no com a mão e exclamam: tres vezes tres nove? Impossivel. Sejam consultados os poderes publicos. Depressa; vão já bater á porta dos poderes do estado e digam-lhes que venham já. Precisamos aqui d'elles. Suas excellencias que saltem!

Os poderes publicos que estavam em casa, de

chinellos e em mangas de camisa, nem lavam a cara! Calçam as botas á pressa, vestem a sobrecasaca, mettem a caixa do rapé no bolso, dão corda ao relógio, pegam na bengala e põem-se a caminho. Chegam, collocam os olhos, pegam no papel, miram-n'o, remiram-n'o, vão com elle á claridade, voltam, assoam-se, tomam uma pitada, e sentam-se com o queixo fincado nas mãos, apoiadas no seu castão d'unicornio.

É chamado um theologo. Este medita um pouco no caso, e diz que tres vezes tres são tres pela mesma razão de que tres pessoas fazem uma, como no mysterio da Santissima Trindade. Scismam todos.

O poder judicial puxa do seu lenço de ramagens, e da Novissima reforma, consulta as Ordenações, os Commentarios ao código do sr. José Dias Ferreira, e reconhecendo que a especie não está prevista na legislação — deita-se.

É chamado o sr. Viale, que declara peremptoriamente que entre os Helenos a multiplicação não era conhecida. Homero não falla n'ella, nem Socrates a menciona em nenhuma das suas obras, segundo a opinião do sr. Silva Tullio.

Ouvido o sr. presidente do conselho, s. ex.^a declara solemnemente, á face da assembléa, que dado o caso de se tratar de subtracção chamaria os compadres para resolverem o problema; assim, o governo varria a questão da sua testada e que a decidisse quem quizesse.

O sr. barão do Zezere emittindo a sua valiosa opinião, não decide cousa alguma, porque das quatro operações fundamentaes só conhece a Divisão — de Lisboa.

O poder moderador em ultima instancia, começa a contar pelas mãos, mas achando a operação complicada, resolve não se decidir.

—Scena cheia de magnanimidade e de tolerancia politica.—A opposição é ainda convidada a fallar, mas ella que a levava figada, declara que sabe quantos são tres multiplicados por tres mas que o não quer dizer para que o governo se não aproveite da sua declaração. Que não discute. Poder-lhe-hão arrancar a vida: o segredo nunca. Por isso, quartel general em Abrantes tudo como antes.

Assim nem a policia, nem a sciencia, nem os poderes do estado, nem a theologia, nem a politica, nem a historia, nem a litteratura antiga, nem qualquer das quatro especies decidirão o caso. Decidil-o-ha um poder mais elevado; o Tempo, senhores, o Tempo.

Tenha o sr. fulano de tal a bondade de estar oito dias á espera do que resolve o tempo, e fallaremos.



Em quanto ao sr. May (Mé), s. ex.^a é um sabio official. O estado paga-lhe para isso, o poder moderador estima-o e não só os homens sabem o nome de s. ex.^a, mas tambem lh'os sabem — embora devido a uma fatalidade organica — as ovelhas.

*

Entretanto não desejamos fazer juizos erroneos. O publico apreciará a justificação que s. ex.^a pretende dar do seu procedimento, á face dos tribunaes.

ERRATA

No nosso numero ultimo, na carta dirigida á Reacção, deu-se uma falta que vamos corrigir para evitar reclamações e para restabelecer a verdade dos factos. Aonde se lê: «Esforça-te por lavar mais a miudo a consciencia e os pés, não desprezes sobretudo esta ultima parte» deve lêr-se: «não desprezes sobre tudo estas ultimas quatro partes.»

SCENAS

Despediu-se de nós o *Drama do Povo*. Coitado! Desfolhemos-lhe uma roza em cima da sepultura, por que, emfim, se não era uma peça bem feita, era pelo menos bem pregada. Sómente alguém lhe

podia achar o pequeno defeito de não ter côr sufficientemente definida, por que elle era azul e branco, era vermelho, era preto com *p* pequeno, e era Preto com *P* grande.



LANTERNA MAGICA
NUMERO 2 — 1.º ANNO
RUA DO PRINCEPE 23, — I. ANDAR. — LISBOA
VENDA AVULSO, 60 RS..

n.º 2; 22/5/73

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

DA REORGANISAÇÃO SOCIAL AOS TRABALHADORES E PROPRIETARIOS

POR

JOÃO BONANÇA

VENDE-SE em todas as livrarias de Lisboa.

FARPAS

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DOS COSTUMES E DA LITTERATURA

POR

RAMALHO ORTIGÃO

VINHO DO PORTO

40:000 garrafas de primeira qualidade

RUA DO ALECRIM N.º 23 A

ODES MODERNAS

POR

ANTERO DO QUENTAL

(2.ª EDICÇÃO)

Preço 500 réis

TINTURARIA INGLESA

DE

HERRIGS & C.

Torna rapidamente os cabellos brancos da cabeça, barbas, suissas, e bigode á sua antiga côr. Não contem *Nitrato de prata* nem substancia alguma nociva á saude. Não é necessario lavar antes nem depois, o seu resultado é infalivel em tres dias.

Applica-se com uma escova uma a duas vezes por dia, em tres dias o cabelo toma a côr desejada, depois basta usar uma a duas vezes por mez.

Para evitar as falsificações deve exigir-se a nossa marca de fabrica e firmia nos rotulos que acompanham os frascos e caixas.

UNICO DEPOSITO

60, Praça de D. Pedro, 61

LISBOA

VIAGENS

POR

LUCIANO CORDEIRO

PUBLICOU-SE o segundo volume. Á venda em todas as livrarias. Preço 500 réis.
